

VOO RASANTE

Acompanhei como arquiteto da Prefeitura as negociações efetuadas durante o governo do prefeito Maurício Sandoval por volta de 1980 para retirar o hangar do Aeroclube da área do antigo aeroporto da cidade, que estava destinada à implantação do futuro Distrito Industrial, do qual elaborei o projeto urbanístico básico. A construção do novo hangar, resolvida apenas ao final do governo de Maurício que levou o clube se transferir ao novo aeroporto tornou possível construir o Distrito, peça chave para o desenvolvimento econômico da cidade.

Nem de longe o hangar do Aeroclube de Franca se parece com o chamado Hangar do Zeppelin, hoje localizado na Base Aérea de Santa Cruz da Força Aérea Brasileira, no bairro de Santa Cruz, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, território das milícias que o Queiroz e seus patrões gostam. Trata-se de uma edificação magnífica de grandes dimensões destinada a abrigar os dirigíveis alemães conhecidos como zepelim. É um dos últimos hangares de dirigíveis existentes e um dos mais bem conservados do mundo, está na minha lista para conhecer um dia, se o Dr. Resende me levar lá. É tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Le Corbusier, quando esteve no Brasil trazendo a centelha do modernismo na arquitetura desfilou por lá, como mostra o belo livro “Dezoito Graus” de Lauro Cavalcanti. Com a tragédia do zepelim Hindenburg em 1937 que pegou fogo em Nova York, os dirigíveis que eram orgulhos da Alemanha de Hitler foram abandonados. Com o começo da Segunda Guerra Mundial em 1939, o Aeroporto Bartolomeu de Gusmão foi transformado na Base Aérea de Santa Cruz da FAB.

Já a queda de um teco-teco no final dos anos 1940 no largo do antigo mercado de Franca foi a primeira tragédia do gênero na cidade. Consta que o piloto, querendo demonstrar seu amor pela namorada que vivia numa casa no largo, desceu demais o avião, bateu em fios de eletricidade, caiu e pegou fogo matando o piloto. Achar o manche desse avião foi uma das tarefas de uma gincana que agitou a cidade no final dos anos 60, acharam onde e com quem estava. Anos depois, um maluco fez o mesmo voo rasante para impressionar a bibliotecária da antiga Faculdade de Filosofia de Franca, mas não caiu, só perdeu o brevê e a pretensa namorada, que preferiu voar pra longe da cidade.

O aeroporto de Franca está num dos lotes de privatização dos aeródromos do interior paulista, embora seu uso comercial tenha sido pouco aproveitado nesses quarenta anos. É um dos motivos que minha vontade de viajar a Passos (MG) de avião, de muitos anos, esteja sempre relegada a um segundo plano e nunca tenha ocorrido. Gostaria de ver do alto a estrada e a belíssima paisagem que a acompanha: o Rio Grande, os lagos, as serras, o Parque da Canastra e os lugares por onde viajei semanalmente por dezenas de anos a caminho do trabalho na universidade. Quem sabe um dia ainda faço essa viagem pelo ar?

Mauro Ferreira é arquiteto